

# CARTA AOS AMIGOS DO MUNDO

FÓRUM POR UM MUNDO SEM MISÉRIA



Movimento Internacional ATD Quarto Mundo  
12, rue Pasteur - 95480 Pierrelaye - France

FEVEREIRO de 2016 – Nº 93

## « PARA QUE NINGUÉM SE SINTA ABANDONADO! »

Sob o céu incrivelmente azul daquele 17 de Outubro de 1987, o Padre Joseph Wresinski clamava o seu testemunho sobre os *“pobres de todos os tempos, fugindo de terra em terra, desprezados e rejeitados...”*.

Quem são eles atualmente, esses “milhões e milhões de crianças, de mulheres e de pais”? Agora e sempre obrigados a partir, à procura dum canto onde viver, caminhando durante semanas, durante meses, levando como única riqueza o pouco que podem transportar, geralmente os próprios filhos; Proibidos de entrar, mas tentando abrir as barreiras, e interpelando assim a humanidade que em nós reside, pondo em questão aquilo que tentamos realizar em conjunto; Condenados a viver em lugares recuados: centros e campos “provisórios”, asilos, quartéis abandonados, alojamentos arruinados, relegados, como sempre foi o caso dos sem abrigo, para as zonas mais insalubres das nossas cidades, para as margens enlameadas dos rios, quase para dentro das florestas, longe da vista, longe das consciências, dependendo de uma generosidade que quase sempre se esquece das promessas que fez.

Quem são eles atualmente, esses “milhões e milhões de crianças, de mulheres e de pais, cujos corações batem ainda com a força de quem quer ainda lutar”? É por exemplo aquela mãe de família de Madagáscar que viveu anos e anos debaixo de um plástico onde nem se podia pôr de pé e que, numa das nossas reuniões, levantou a mão e disse: *“Sobretudo, não se esqueçam de que há ainda pessoas sozinhas e que não nos conhecem. É por causa delas que aqui estamos todos juntos”*.

São aqueles pais e aquelas mães do Reino Unido, sistematicamente insultados, inclusivamente nas paredes, nos muros e nos média, tratados de “proveitadores”, considerados como gente “a mais”... E no entanto, são eles que no seu bairro apoiam outros completamente esquecidos, defendendo assim os direitos humanos para todos.

São aqueles jovens da República Centro-Africana que viram a violência abater-se sobre as suas famílias. Que resistiram ao ódio e à vingança e que foram ter ao aeroporto para ajudar milhares de crianças que ali estavam, longe da escola, e para lhes levar instrução e beleza: a bagagem de que elas precisavam para voltar a ter paz. São eles que agora animam bibliotecas de rua nos povoados mais abandonados.

Quem são eles atualmente, esses “milhões e milhões de crianças, de mulheres e de pais, cuja coragem conquistou o direito à inestimável dignidade”? São aquelas famílias dum bairro de Beirute, no Líbano, onde são acolhidos milhares de refugiados, sobretudo Sírios. E toda essa gente que chega faz com que suas vidas se compliquem ainda mais. Essas famílias que já tinham tanta dificuldade em arranjar um lugar na escola para os filhos, são elas que dizem: *“Já estivemos tão desesperados como eles, já passamos noites sem dormir como eles. Não podemos fechar-lhes a porta na cara. Embora seja difícil, temos que tentar viver com eles”*.

“Pois eu gostaria de ser embaixadora do Quarto Mundo”, diz-nos uma mulher da Eritreia, acolhida por membros do Movimento em Londres, lembrando-nos que, se nós nos juntamos, é porque queremos que, nem aqui, nem em lugar nenhum, nenhum ser humano seja posto de lado, que ninguém se sinta abandonado. A verdade é que nos juntamos para aprender com todos aqueles que, graças aos seus sofrimentos e às suas esperanças, só desejam o progresso do mundo. É juntamente com eles que poderemos alcançar a paz de que o mundo tanto precisa pois, ultrapassando a amargura, eles mergulham as raízes da sua esperança e vão buscar a sua força à fonte da fraternidade.

Isabelle Perrin, Delegada Geral  
do Movimento Internacional ATD Quarto Mundo



## O RECADO DA EQUIPE DO FÓRUM POR UM MUNDO SEM MISÉRIA

As pessoas que nada têm preocupam-se muito com as que são ainda mais pobres e dão o seu verdadeiro sentido à palavra fraternidade – é o que nos mostra o editorial. E nos quatro artigos seguintes poderão descobrir outros testemunhos dessa mesma fraternidade.

Recebemos regularmente notícias vossas, por email ou pelo correio, e na última página publicamos alguns exemplos.

Também ficamos a saber que a “mudança climática” é um assunto que os toca de perto, graças aos comentários que enviaram para o Fórum de Discussão lançado na altura da COP 21 (Conferência de Paris de 2015 sobre o Clima).

Gostaríamos hoje que nos escrevessem contando o que fizeram ou viram fazer para suscitar “momentos de fraternidade”. Obrigado !

## ● O "MURO DA VERGONHA"

**Em Portugal, famílias ciganas derrubam o "muro da vergonha" que as isolou quase uma década num "gueto", o Bairro das Pedreiras. O muro materializava a separação da mais numerosa comunidade cigana de Beja do resto da sociedade alentejana.**

Com cerca de 100 metros de extensão por quase 3 metros de altura, o muro fora construído pela Câmara de Beja por razões de segurança, pois junto ao bairro existe uma estrada que é percorrida por viaturas pesadas. Só que a comunidade cigana não aceitou a solução por veicular um gesto segregador. Mas apesar dum movimento de solidariedade, a Câmara não destruiu o muro e, em 2015, a comunidade cigana decidiu derrubá-lo inteiramente. Não foi um acesso de fúria repentino que ditou o seu derrube. Mais de 300 pessoas de todas as idades já tinham começado a exprimir a sua revolta, ano após ano, esburacando e abrindo fendas na estrutura de betão, com tudo o que tinham à mão: martelos, ferros e paus.



## ● PARA QUE AS COISAS MUDEM HÁ QUE FALAR COM TODOS

**Na África do Sul, a Jean E. tem posto em prática com Afrika Tikkun um programa de educação, desde a primeira infância até à formação profissional dos jovens, nos townships (\*) e nos bairros muito pobres do centro de Johannesburg onde se concentram pobreza e tensões sociais.**

Afrika Tikkun constatara que os programas de apoio escolar e de ajuda às crianças muito pequenas não tinham previsto nada para as crianças deficientes, e que nenhuma escola queria acolhê-las. A ONG pediu então à Jean que criasse um programa para elas.

Ela começou por fazer um estudo muito alargado da questão. "Para que as coisas mudem há que falar com todos. Se só as pessoas com uma deficiência forem contatadas, os preconceitos dos outros não mudarão nunca".

Jean constatou que as crianças deficientes e as suas famílias (sobretudo as mães) eram não só expoliadas dos seus direitos à educação, mas que, além disso, eram rejeitadas pela sua comunidade.

Num township, muitas vezes os pais sofrem uma pressão de suas famílias que lhes diz "O quê? Na nossa família não há deficientes. Essa criança não é tua. Tens que deixar essa mulher!"

Os primeiros pais que participaram no estudo juntamente com Jean adotaram uma abordagem comunitária. Iam à procura dos pais das crianças deficientes, contatavam-nos e ajudavam-nos a descrever a sua situação.

A tarefa ficou concluída há cerca de um mês e "já ninguém se sente a viver num cemitério de vivos", realça triunfante um dos residentes. "Agora até já vemos a cidade! "

Bruno G. revê-se no gesto: "Já se derrubou o muro. Foi uma grande vitória" que significa ao mesmo tempo uma viragem no modo de estar dos ciganos, cansados dos "juízos de valor que os não ciganos fazem".

Prudêncio C., o mediador cigano, que tem sido o elo mais forte no derrube de barreiras entre a comunidade cigana e não cigana, exprime uma vontade coletiva: "Não queremos que as pessoas pensem que os ciganos só sabem mandar o muro abaixo".

Assim, em parceria com várias entidades, avançou com um projeto que visa a melhoria das condições de vida no Bairro. Júlio S., um dos jovens, dinamizou a comunidade para reparar os telhados, enquanto se preparava outra tarefa : pintar as 50 casas existentes. A autarquia aprovou a verba para a aquisição das tintas e democraticamente os moradores decidem que o azul seria a cor dominante. Prudêncio deixa um aviso: "quem mora nas casas é que as vai pintar".

Maria Mónica foi a primeira a avançar. Trouxe de casa uma cadeira, pediu um pincel e começou a pintar a fachada. Decorridos alguns minutos tinha o rosto e a roupa salpicados de tinta. "Não importa. A minha casa vai ficar mais bonita! "

Mas pintar a pincel demora uma eternidade. Surgem os primeiros rolos e a coisa acelera. Chega o entusiasmo e as casas vão mudando de cor.

A tarefa vai prosseguindo e a parceria já está a tratar de construir um parque de estacionamento e de arborizar o bairro. A comunidade quer plantar "figueiras, ameixoeiras e outras árvores de fruto..." Um dos ciganos reconheceu que não sabe plantar árvores, mas atribuíram-lhe a tarefa de as regar...

CARLOS D., PORTUGAL



Como é que eles se sentiam? Qual era a situação da criança? (ia à escola? seguia um tratamento? ficava sempre em casa?) Estariam eles a par dos direitos que tinham? Que faziam eles para gerir a situação?

Eles podiam responder a cada pergunta através de desenhos: a mãe representava por gestos aquilo que sentia e a Jean desenhava. Os desenhos são muito expressivos e depois de os ver a mãe podia dizer "Sim, é isso mesmo que eu sinto, é o que eu sei, é a situação do meu filho."

Feito todos os anos, este estudo vai mudando lentamente o modo de encarar as situações e os comportamentos. A ONG propõe um grupo de apoio semanal. Os pais dizem que o frequentam sempre que podem e que isso os ajuda a levantar a cabeça.

Várias mães de um destes grupos fundaram um infantário que acolhe crianças deficientes ou não. Elas explicam que o fato de crescerem juntas irá evitar mais tarde os preconceitos e a violência. No começo, as crianças sem deficiência mostram-se espantadas, mas depois descobrem e apreciam aquele ambiente diferente e protegem-se umas às outras.

Apoiadas pela Jean aquelas mães tinham apresentado um pedido no ministério da educação para que a escola pudesse abrir. E ela abriu à entrada do township e tem um enorme sucesso em toda a comunidade.

JEAN E. ÁFRICA DO SUL

(\*) township = na África do Sul, a palavra designa zonas urbanas pobres com muito poucas infra-estruturas para onde os que não eram brancos eram levados à força no tempo do apartheid)

## ● PODERÁ A AGRICULTURA BIOLÓGICA SER UMA ALTERNATIVA À POBREZA ?

**“Os agricultores representam dois terços das pessoas mais pobres do planeta”...**

**No vale do Mékong, no Sudeste Asiático, ao norte da Tailândia, há 85% dos agricultores que não conseguem viver do que produzem... Hoje em dia, na Ásia, a agricultura biológica não é só um desafio ecológico: trata-se de assegurar aos agricultores a independência e a auto-suficiência para evitar o círculo vicioso da pobreza acarretado pela agricultura convencional.**

Dou-lhes o exemplo de Phonh, jovem agricultor do Laos de 27 anos. Graças a uma bolsa, ele estuda no Vietname, na escola HEPA (Human Ecology Practical Area), de que os outros jovens da aldeia lhe tinham falado. A sua aldeia é uma aldeia na serra onde os habitantes praticam a agricultura para a sua subsistência diária. Os pais de Phonh possuem 3 hectares de terra.

O jovem vira pela primeira vez produtos químicos em 2006, quando um tio seu trouxera herbicidas para a aldeia. No mesmo ano, certas pessoas, que diziam querer assegurar a promoção de melhores métodos de rendimento, vieram distribuir gratuitamente adubos químicos. E desde então a sua utilização tem aumentado sempre. Esta dependência aos adubos aumentou as dívidas dos camponeses.

Atualmente há empresas estrangeiras que propõem plantações de árvores da borracha utilizando uma quantidade enorme de produtos químicos. Apropriam-se das terras, comprando-as aos camponeses que passam a trabalhar como jornaleiros nas suas antigas propriedades.

Phonh não tem nenhuma vontade de trabalhar numa fábrica ou na construção civil. Embora a agricultura biológica seja para ele um perigoso desafio, ele tem vontade de tentar a

experiência. Quanto a ele, a principal dificuldade da região é a ausência de redes de distribuição. Ele projeta constituir, com os seus amigos da escola HEPA, um grupo de jovens agricultores, membros da rede Towards Organic Ásia, que aplicaria técnicas como a permacultura, que não precisa de aditivos e que portanto pode ser iniciada sem investimentos. Mas a comercialização é uma questão para a qual ele ainda não encontrou resposta.



Atualmente, os riscos de apropriação das terras são omnipresentes e os camponeses precisam de ser cada vez mais vigilantes. Passar a ser um jornaleiro nas terras herdadas de seus próprios pais é uma situação duma precariedade e duma insegurança totais. Uma colheita reduzida, pesticidas mal distribuídos, uma empresa chinesa que deixa de precisar de trabalhadores... e eles ficam reduzidos a nada e endividados.

O acesso de todos, incluindo os mais pobres, a uma alimentação de boa qualidade é um desafio que exige técnicas de produção e de distribuição, uma rede de iniciativas locais e o interesse das instituições públicas.

TIRADO DO ARTIGO DE THANAPOL K. E PAULINE L.  
REDE TOWARDS ORGANIC ÁSIA  
(PARA UMA AGRICULTURA BIOLÓGICA NA ÁSIA)



## ● CONSTRUIR RELAÇÕES BASEADAS NA CONFIANÇA MÚTUA

**A Fundação Húngara Pérola Real tem como objetivo a educação artística e o desenvolvimento dos talentos dos estudantes, o apoio às crianças, a implicação nos programas de desenvolvimento comunitário familiar e uma cooperação institucional com escolas, hospitais e certas ONG.**

Trabalhamos na região de Told, uma das mais desfavorecidas do país, e a maioria dos nossos estudantes, quase todos de origem cigana, vive na maior pobreza. Mas é preciso que os estudantes ciganos e não ciganos, pobres e ricos, trabalhem juntos.

O nosso objetivo de desenvolvimento comunitário focalizou-se numa das aldeias da nossa rede de ajudas. Dos 350 habitantes, só 7 têm um emprego. As casas estão a cair, não têm água encanada nem sistema de saneamento, e a rede de gás só cobre a rua principal. A segregação geográfica, a falta de acesso aos serviços públicos, o nível de educação baixíssimo e a parca economia local fazem com que ninguém tenha esperança em arranjar trabalho, nem em obter um lugar digno na sociedade.

Por isso é que nós lançamos, há mais de cinco anos, um programa complexo de desenvolvimento comunitário. Os resultados do nosso trabalho são palpáveis. Estabelecemos relações baseadas na confiança mútua e os pais compreendem que nós só queremos construir o futuro dos filhos deles. Exemplos de projetos: uma casa, um quintal comunitário, um sistema de bolsas, instalação de contadores de



eletricidade com consumo previamente pago...

Lançamos também um projeto de fabrico de tijolos biológicos a partir de detritos agrícolas para servirem como combustível. São uma alternativa à lenha que é muito cara e reduzem a utilização de materiais sintéticos impróprios.

Encorajamos as famílias a serem autónomas e a criarem postos de trabalho locais. Queremos acabar com os estereótipos: as pessoas vivendo na

extrema pobreza querem e podem modificar a sua situação se lhes derem ocasião para isso.

Criamos na net uma loja de produtos artesanais fabricados por ciganas e não ciganas que bordam os desenhos dos filhos em suportes como capas de telemóveis e celulares, almofadas, malas de mão e bolsas. Por cada objeto bordado recebem uma pequena quantia. O projeto e o seu portal chamam-se

“SUNO”, que quer dizer “sonho” na língua dos ciganos. Oni, que pertence a esta comunidade, foi escolhida para ser uma das nossas seis empregadas. E ela explica: A Tia Nora teve sempre confiança em mim para tudo (até para o dinheiro) e isso faz com que eu também tenha confiança em mim. Toda a gente despreza a “ciganagem”, dizem que não somos dignos de confiança, etc. Mas Nora confia em nós! E todo este projeto se baseia na confiança.”

NORA L. R., FUNDADORA, HUNGRIA

### NA COP21 HOUVE UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA UNIVERSAL SEM PRECEDENTES, MAS TEMOS QUE SER VIGILANTES QUANTO À SORTE DOS MAIS VULNERÁVEIS

O acordo sobre o clima da COP21 é um grande passo em frente na luta contra as mudanças climáticas, mas é urgente aplicá-lo.



#### Vejam estes comentários enviados para o Fórum de Discussão :

> "Há poucos anos atrás, um camponês dos Camarões podia afirmar sem engano possível que a estação das chuvas começava em agosto e acabava em novembro e que a estação seca ia de meados de novembro a meados de março. Atualmente ficamos eternamente à espera da chuva." *Blaise N., Camarões*

> "Estou neste momento em Berlim para trocar informações sobre o Canal Interoceânico e sobre as ameaças que ele representa para as populações e para o clima. Voltarei a escrever após o meu regresso." *Saul O., Fundación del Río, Nicarágua.*

> "As populações mais desfavorecidas do Bangladesh são as mais gravemente afetadas pelas mudanças climáticas. As populações rurais, e sobretudo costeiras, são logo atingidas pelas inundações e pelos ciclones. Quanto à erosão das margens e à salinização das terras, elas fragilizam ainda mais as famílias camponesas que vêem desaparecer as suas terras agrícolas produtivas..."

Há muita gente que arranja estratégias de sobrevivência ou de adaptação contra as mudanças climáticas. Quem pode parte para as grandes cidades mais próximas, ou para a capital, ou para a Índia..." *Monika J., Bangladesh-France*

> "Várias pessoas perderam tudo quanto tinham por causa das chuvas destes últimos tempos. Chove todos os dias. Os campos estão inundados e as plantações foram invadidas pela água das chuvas. A mudança climática faz sofrer muito os pobres... As inundações provocaram cerca de trinta mortos na cidade de Kinshasa e deixaram umas vinte famílias sem abrigo. As instalações da sociedade distribuidora da água (REGISDESO) no concelho de N'djili foram perturbadas pelas chuvas. Durante três dias pelo menos faltou a água e a electricidade numa grande parte da capital. A mudança climática é uma realidade que obriga os dirigentes políticos a aplicar decisões imediatas, antes de poderem contar com a ajuda da comunidade internacional." *Patrice M. ASCOVI - República Democrática do Congo*

• Muito bom dia aos irmãos e irmãs do ATD Quarto Mundo de quem nunca nos esqueçamos. O cartaz do 17 de outubro e o seu irmão gêmeo em francês estão no gabinete de acolhimento de AL OUAHA... Hassan dirige a "casa agrícola" onde eu trabalho sobretudo na agricultura, para incitar o Hassan a organizar contatos e acolhimento. Ele manda-vos saudades... O lugar é um oásis de paz, de auxílio mútuo, de partilha. A 150m passa uma estrada alcatroada. Acolhemos idosos, jovens, grupos de vários países. Façam-me todas as perguntas que quiserem. Com muita amizade fraterna.

*Hassan T. e Hamid D., Marrocos*

• A situação no campo de refugiados congolese de N. (norte da Tanzânia) caracteriza-se pela chegada em massa de refugiados do Burundi. As autoridades tiveram por isso que parar bruscamente com as aulas antes da data prevista. Foi assim que todas as escolas do campo cessaram as aulas para que os refugiados burundeses possam morar nas salas de aula. Então, a nossa organização, a FOMAP, resolveu lançar um programa de atividades extra-escolares fora da escola para que as crianças mais pequenas estejam ocupadas. Os professores são todos membros da nossa organização e voluntários para trabalharem sem ser pagos durante três meses. A iniciativa foi muito apreciada pelas crianças.

*M.-A., FOMAP - Tanzânia*

• Olá, bom dia. Fiquei muito feliz quando recebi e li o último número da vossa carta que é muito rico em palavras e conselhos. Sempre desejei socorrer os outros mas as minhas forças não são suficientes. Portanto, agora, comprometo-me a participar em ações de solidariedade. Conseguirei fazê-lo com a vossa ajuda, para mim é um prazer. Apesar de vocês não estarem implantados no meu país, muitas coisas serão possíveis com este Fórum.

*Djasna F. - Tchad*

• A nossa experiência nos ensinou que um pouco, com vontade, se pode multiplicar e distribuir. Um exemplo humilde: um doente com úlcera gigante duodenal foi abandonado pela sua instituição; um membro da LHSSD recebeu-o no seu lar durante 12 meses até o seu melhoramento e regresso à sua terra. Uma doente com tuberculose esteve retida em casa de uma pessoa de família durante 48 dias sem qualquer consulta médica; a LHSSD abraçou esta causa, obteve consultas e exames até ao seu internamento e alta hospitalar, graças à boa vontade dos seus membros.

*Florêncio B., Presidente da Liga Humanitária Saúde e Desenvolvimento de São Tomé*



#### Quanto à realização do Acordo sobre o Clima, o Movimento ATD Quarto Mundo pediu que :

- Seja prestada uma especial atenção aos 20% mais pobres da população, para que ninguém fique abandonado. Noutros termos, os resultados só serão positivos se o forem para todas as categorias socio-económicas, incluindo as mais vulneráveis.
- A mudança climática seja atacada conjuntamente com as pessoas vivendo na pobreza, num esforço comum em vista de erradicar a miséria.
- O financiamento da luta contra as mudanças climáticas seja direcionado para as populações mais vulneráveis, a fim de favorecer a justiça climática.
- Sejam instalados polos de proteção social.
- Haja uma garantia de que as populações vivendo na pobreza poderão beneficiar de formações e da criação de postos de trabalho durante o período de transição para uma economia verde sustentável.

Escreva também as suas observações e experiências no portal: [www.mundosemmiseria.org](http://www.mundosemmiseria.org) ou mande-as por correio eletrónico para [mundosemmiseria@atdquartomundo.org](mailto:mundosemmiseria@atdquartomundo.org)

O «Fórum por um Mundo sem Miséria» é uma rede de pessoas empenhadas no desenvolvimento de uma amizade e de um conhecimento mútuos, a partir do que vivem e nos ensinam as populações pobres e muito pobres: aquelas que acumulam várias precariedades ao nível da educação, do alojamento, do trabalho, da saúde e da cultura; aquelas que são as mais rejeitadas e as mais criticadas. O Fórum é um convite à adesão de todos os que aspiram a uma forte participação numa corrente de pensamento e de ação que tem como prioridade a erradicação da miséria no mundo, declarando-a intolerável e provocando a construção de comunidades onde os mais pobres, munidos dos direitos fundamentais, possam assumir as suas responsabilidades em pé de igualdade e em parceria com os outros. Esta corrente exprime-se através da **Carta aos Amigos do Mundo** que publica as mensagens dos nossos correspondentes três vezes por ano em francês, inglês, espanhol e português, graças ao trabalho de tradutores profissionais que oferecem os seus serviços gratuitamente. O Fórum Permanente é fomentado pelo Movimento ATD Quarto Mundo, com sede em Pierrelaye, França e permite a todos os que nele participam guardarem a sua identidade, não passando, por isso, a ser considerados membros de ATD Quarto Mundo. O nosso endereço E-mail: [mundosemmiseria@atdquartomundo.org](mailto:mundosemmiseria@atdquartomundo.org) | Internet: [www.mundosemmiseria.org](http://www.mundosemmiseria.org) | Assinatura anual: \$8 / €8 - Assinatura de apoio: \$10 / €10. © Movimento internacional ATD Quarto Mundo - tipografia ATD - Méry-sur-Oise - N°93 - Fevereiro de 2016.

OS DESENHOS SÃO DE  
**HÉLÈNE PERDEREAU**  
AMIGA DE LONGA DATA  
DO MOVIMENTO ATD  
QUARTO MUNDO.

PAGINAÇÃO :  
**LYDIE ROUFFET**